

## NARRATIVAS DO MUNDO DO TRABALHO: A EXPERIÊNCIA NO SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS NO CEARÁ

### *NARRATIVES OF THE WORLD OF WORK: THE EXPERIENCE AT THE UNION OF WORKERS GRAPHICS IN CEARA.*

*Tânia Serra Azul Machado Bezerra*

Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará; Pesquisadora do LABOR (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Qualificação Profissional); Vinculada ao Programa de Pós-Graduação UFC pela Linha de Pesquisa: Economia Política, Sociabilidade e Educação; Professora do Curso de Pedagogia das Faculdades Cearenses-FaC.

#### **Resumo**

Neste escrito, analisamos narrativas do mundo do trabalho, reflexões de nossa pesquisa de doutoramento experienciada no Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Ceará, instituição que se apresenta como ponto de interseção entre teoria e práxis. Intencionamos discutir rumos político-ideológicos das organizações trabalhistas e seu papel formativo frente aos constantes (re)ajustes e ataques contemporâneos à classe trabalhadora. Metodologicamente, à luz do materialismo histórico e dialético, temos interesse peculiar em estabelecer uma interlocução das fontes diversas (orais e escritas) com a literatura de tradição marxista. A práxis investigada revela uma concepção de educação para além do espaço escolar que, em nossas hipóteses, cinge-se à idéia de uma subjetividade revolucionária: por meio de seus atos de resistência à ordem estabelecida, os trabalhadores em estudo buscam revolucionar usos e abusos do estranhamento e individualismo imposto pela lógica de Mercado Capitalista do século XXI.

**Palavras-chaves:** Formação, Sindicalismo e Luta de Classes.

#### **Abstract**

In discussing writing narratives of the world work, reflections of our survey of doctoral experience in the Trade Union of Workers Graphics in Ceara, institution that presents itself as a point of intersec-

tion between theory and praxis. Intentioned discuss political and ideological direction of labor organizations and their formative role in the face of constant (re) adjustments and attacks on the working class contemporaries. Methodologically, the light of historical and dialectical materialism, we have special interest in establishing a dialogue of different sources (written and oral) with the tradition of Marxist literature. The investigation reveals a practice of design education, in addition to the school which, in our assumptions, confines itself the idea of a revolutionary subjectivity, through its acts of resistance to established order, workers in a study looking for revolutionizing uses and abuses the strangeness and individualism imposed by the logic of the capitalist market of the twenty-first century.

**Key-words:** Training, Unionism and the class struggle.

A corrente impetuosa é chamada de violenta  
Mas o leito do rio que a contém  
Ninguém chama de violento.

A tempestade que faz dobrar as bétulas  
É tida como violenta  
É a tempestade que faz dobrar  
Os dorsos dos operários na rua?

*Bertoldo Brecht*

70

Este ensaio constitui parte de nossas reflexões delineadas em pesquisa de doutoramento na qual pretendemos mergulhar na realidade do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Estado do Ceará, instituição que se apresenta como nosso ponto de interseção entre teoria e práxis. Para tanto, intencionamos discutir, no tempo presente, os rumos político-ideológicos que têm tomado as organizações trabalhistas e seu papel formativo frente aos constantes (re)ajustes e ataques à classe trabalhadora. À luz do materialismo histórico e dialético, temos um interesse peculiar pela metodologia da história oral, temática do mundo do trabalho e sua interlocução com fontes escritas diversas (jornais, panfletos de campanhas salariais, fotografias, cartazes e arquivos gerais do sindicato).

Tocados por essa análise, algumas questões fomentadas pelo cenário capitalista contemporâneo inudam nossos anseios investigativos: 1) Como as frentes de resistência da classe trabalhadora, brutalmente atacadas pelo (neo)liberalismo e o desemprego estrutural, vêm sobrevivendo? De que forma organizam-se? 2) Estaríamos diante de um profundo “retrocesso” de conquistas adquiridas historicamente pela luta dos trabalhadores? 3) É possível pensarmos em formação política e consciência de classe no sindicalismo de hoje?

Pode-se considerar que o sindicalismo se encontra em um quadro de crise sem precedentes, a análise/registro das narrativas dos trabalhadores em estudo propiciam aproximação com vivências dessa classe não hegemônica que experiencia os dissabores de uma sociedade cerceada pelo antagonismo social. Uma nova realidade histórica está posta e, com ela, inúmeros obstáculos se impõem às camadas populares que sobrevi-

vem da venda de sua força de trabalho. Há uma incontestável mudança no *ser da classe trabalhadora* (ANTUNES, 1995), que parece se desorganizar e se distanciar do movimento coletivo, perdendo assim forças diante da hegemonia do capital:

A crise atinge também intensamente, como se evidencia, o universo da consciência, da subjetividade do trabalho, das suas formas de representação. Os sindicatos estão aturdidos e exercitando uma prática que raramente foi tão defensiva. Distanciam-se crescentemente do *sindicalismo* e dos *movimentos sociais classistas* dos anos 60/70, que propugnavam pelo controle social da produção, aderindo ao acrítico *sindicalismo* de participação e negociação, que em geral aceita a ordem do capital e do mercado, só questionando aspectos fenomênicos desta mesma ordem. (ANTUNES, 1995, p. 35).

Assim, é possível assinalar, de acordo com Alves (1998), que o sindicalismo brasileiro diante da *nova ofensiva do capital*, desarticula-se, uma vez que se encontra debilitado com a fragmentação daqueles que vivem do trabalho. Problema este que se intensifica através do desemprego e da terceirização, pelo fato de que tais aspectos diminuem drasticamente o número de trabalhadores sindicalizados. Há, dessa forma, uma evidente precarização das relações trabalhistas e um sensível aumento da informalidade e da falta de vínculo empregatício.

Evidencia-se uma situação alarmante que desfavorece significativamente a manutenção das lutas de classes: por um lado, os sindicatos quase se extinguem pela falta de associados e, por outro, os trabalhadores fragilizam-se no confronto com o capital, em um movimento de individualização, ou seja, de um possível abandono das causas coletivas, instalando-se um universo nefasto de incertezas/estranhamento e fazendo crer que estamos diante do fim das lutas de classes, como se fosse possível abafar o grito da fome, da inclusão subalterna das classes menos favorecidas e das injustiças sociais.

É fundamental, porém, compreender as contradições evidenciadas nesse processo, uma vez que não podemos analisar tal movimento diante de elementos lineares e apenas fenomênicos que não nos permitem enxergar além do capital, pois, cabe considerar que nem todos os movimentos organizados de trabalhadores se curvaram às imposições reformistas (neo)liberais.

A partir de dados coletados em nossa pesquisa de campo, convém destacar algumas tentativas de resistência dos trabalhadores ao mal-estar sócio-econômico em consolidação em nosso país, guardando-se, contudo, as devidas limitações desse movimento. É importante antecipar o fato de que o SINTGRACE, em nossas hipóteses, configura realidade diferenciada nesse quadro de inércia ao qual está submetida grande parcela do movimento operário brasileiro. É o caso, também, em nossa interpretação, do CONLUTAS<sup>1</sup> que discursa sobre novas alternativas de resistência do movimento sindical às reformas e ao caráter pouco combativo dessas instituições no tempo presente. Cabe-nos, por conseguinte, o questionamento: qual o futuro do sindicalismo brasileiro?

Uma possível resposta a tal inquietação aponta para a implementação do (neo)liberalismo no Brasil que desenha um quadro marcado pela desregulamentação social e permite instalar, entre outros elementos, um verdadeiro exército de desempregados, compondo filas intermináveis em busca de algum tipo de remuneração. Pode-se até arriscar a afirmação de que poucas seriam as possibilidades, dentro da lógica capitalista atual, de reabsorção desse contingente de pessoas fora do mercado formal de trabalho, pois a fase atual revela uma crise que abala estruturalmente a sociedade em âmbitos políticos, sociais, econômicos e produtivos.

No âmbito produtivo, segundo Harvey (1992), há uma reconversão tecnológica, uma transformação do padrão técnico, que passa da eletromecânica para a microeletrônica e a robótica. Diante desse avanço nas formas de produzir, o trabalhador perde, de forma preponderante, a centralidade nos postos de trabalho, sendo gradativamente descartado e desprotegido pelas leis de mercado que legitimam o aumento da concentração de renda e das desigualdades sociais. Inaugura-se, ao lado disto, uma incansável busca por “qualificação profissional”, uma vez que este aspecto é cada vez mais exigido no discurso do mercado de trabalho automatizado, fato que, no entanto, não constitui garantia de empregabilidade e ascensão social, mas que é fortemente difundido como nova demanda para o perfil do trabalhador “empregável”.

É frente a esse cenário de precarização que elencamos como *locus* de nossa pesquisa o grupo de estudos/práxis composto por trabalhado-

res que se reúnem no Sindicato dos Trabalhadores Gráficos no Estado do Ceará. A escolha se dá pelo fato desses indivíduos, em tempos de individualização, dedicarem-se a uma autoformação<sup>2</sup> dialógica e reflexiva, constituindo ciclos de cultura e debates a fim de abordar assuntos como Economia Política, Filosofia e (Neo)liberalismo, como também outros temas que envolvem a conjuntura política, na provável tentativa de encontrar saídas para a atual empreitada capitalista. Em análise a essa práxis educativa, identificamos a concepção de cultura anunciada por Gramsci (2004) e o papel desta diante das vivências humanas e do antagonismo social. Com efeito, frente a essa perspectiva gramsciana, não se pode pensar a cultura sem se considerar a construção histórica do homem como sujeito de suas próprias ações e inferências no mundo. Ou seja, os aspectos culturais são elaborados na tessitura das relações sociais, a partir de valores extraídos da *práxis* humana, em latência no SINTGRACE, espaço no qual observamos a formação de um *círculo de cultura* (GRAMSCI, 1989), que busca estruturar uma competência intelectual coletiva, no intuito de socializar conhecimentos/experiências de lutas e fortalecer a classe em termos culturais.

É útil destacar que as práticas do grupo evidenciam um movimento interessante de corporeificação da teoria estudada: longe de assumirem um caráter meramente teórico, demonstram participar ativamente da práxis cotidiana de luta, estando sempre engajados em campanhas salariais, debates, ocupação de empresas, piquetes em porta de fábricas, embates com patrões, solidarizam-se com outras categorias laborais e, sobretudo, levantam a bandeira da formação política e da intelectualização da classe como aspecto preponderante ao fortalecimento das lutas trabalhistas. Cumpre ainda enfatizar a capilaridade dessa organização, fato que nos remete a Marx (1998), quando acentua que a formação da consciência de classe não é um processo que se reduz à crítica intelectual, pelo contrário, é essencialmente práxis social, ou seja, os indivíduos conscientizam-se, prioritariamente, a partir da ação revolucionária:

[...] chega por conseguinte ao resultado de que todas as formas e produtos da consciência podem ser resolvidos não por meio da crítica (espiritual) intelectual, pela redução à "consciência de si"

[...], mas unicamente pela derrubada efetiva das relações sociais concretas [...] (1998, p.36).

Esta peculiar práxis educativa teve início ao final da década de 1980, vinculada inicialmente a um determinado partido político de esquerda. Vínculo posteriormente desfeito ao perceberam intenções meramente eleitorais, interferindo na intencionada formação autônoma, pretendida pelos trabalhadores em formação. A partir de então, houve uma ruptura com o partido e o grupo passou a ser intelectualmente monitorado por uma organização de vanguarda,<sup>3</sup> sem caráter partidário, e que recorria aos pressupostos marxistas como fundamentação teórica para auxiliar o desenvolvimento desse processo educativo específico, aspecto teórico que se torna até hoje marcante nos estudos desenvolvidos sobre o tema.

Cabe esclarecer que, atualmente, continua sem manter vínculo com nenhum partido político, permanecendo o grupo ligado a alguns integrantes da anteriormente mencionada organização vanguardista, respeitando-se o caráter autônomo a partir de interesses dos próprios trabalhadores. Os estudos acontecem com o objetivo explícito de investir no conhecimento e na formação para contribuir com o movimento da luta de classes, mesmo frente a um contexto histórico de distanciamento de tais práticas. Em conversa com os atores envolvidos nesse processo formativo, percebemos a relevância atribuída por eles às atividades desenvolvidas no grupo, quando um dos integrantes enfatiza: “[...] em todas as suas formas e suas contradições... é preciso fazer dela, da formação, uma espada da nossa luta no dia-a-dia.” (Julho/2006).

Tal trabalhador traça, com essa afirmação, uma interessante relação entre educação e luta de classes, demonstrando a importância que atribui à formação em virtude dos embates cotidianos. Podemos identificar aqui um processo de conscientização/politização, no momento em que se admite necessidade de esclarecimento e luta? Percebe-se um movimento dialético entre teoria e prática, uma vez que a formação é entendida por ele como ferramenta de luta. Relativamente à formação em curso, ao perguntarmos a um dos trabalhadores mais antigos sobre o que essa prática representa, obtivemos uma contundente afirmação:

[...] na verdade a formação para nós é um grande desafio, pra nós não existe liberdade sem conhecimento [...] Não existe liberdade para os trabalhadores, verdadeiramente se não tiver conhecimento. Então, partindo dessa premissa, como a nossa base, a nossa categoria é uma categoria que tem dificuldades de acesso intelectual, de formação mesmo, aquela formação formal, já dificulta pra gente trabalhar a questão política. Então, a formação política se torna primordial pra poder a gente desenvolver o sindicato e desenvolver a luta da classe trabalhadora [...]. (Junho/2006).

Para os trabalhadores em investigação, como categoria subordinada aos interesses do capital, percebe-se, a partir da fala citada, a clara dificuldade de acesso à educação formal, mesmo sabendo-se que esta possui sérias limitações no que diz respeito a uma formação voltada a uma análise crítica da realidade, elemento que merece posterior aprofundamento. Reafirma-se, também, a clara importância que a formação assume para esses sujeitos, uma vez que atribuem significativa relevância à apreensão do conhecimento e vislumbram os aspectos educacionais sob um ponto de vista de emancipação. Esse aspecto também justifica a formação do grupo de estudos.

É importante esclarecer que a educação, tal como assinala Gadotti (2003), consiste em uma atividade ampla e dinâmica que pode efetivar-se em ambientes formais ou não-formais. Na sociedade burguesa, todavia, os âmbitos educacionais mostram-se atrelados a interesses econômicos, sem a intenção de manter uma educação para a classe trabalhadora comprometida com a emancipação humana. Temos, assim, uma das características da maioria dos componentes do grupo: baixo grau de escolarização. Isso compromete a aprendizagem dos trabalhadores e, conforme nos expressa a fala anteriormente citada, a deficiência de escolarização dificulta a formação política. Em que sentido, porém, acontece essa dificuldade?

Podemos chegar a essa resposta mediante as observações feitas, pois percebemos que grande parte dos envolvidos apresenta dificuldades de interpretação e leitura, fato que interfere na compreensão dos textos selecionados – principalmente se levarmos em consideração que a base teórica (MARX) exige certo nível de letramento, ou seja, maior possibilidade de abstração teórica e entendimento interpretativo. Assim,



antes de qualquer coisa, necessitam trabalhar aspectos educacionais de base, que possibilitem uma formação mais ampla e diversificada. Nesse sentido, a reivindicação de educação geral para os trabalhadores é de interesse da própria classe, pois são claras as lacunas deixadas pela formação de pouca qualidade direcionada a eles.

O acesso à cultura geral e à leitura dos conteúdos clássicos, partindo-se para a apropriação significativa do saber sistematizado, contribui fortemente para a formação plena do indivíduo. Assim, nos foi solicitada uma formação paralela, direcionada à leitura e interpretação de textos, em dias diferenciados aos encontros do grupo para os trabalhadores com dificuldade de acompanhar o nível das leituras. A maioria dos sujeitos envolvidos aderiu à nova proposta e a nós coube aceitar o desafio, com a ciência da responsabilidade que nos foi conferida. Vale ressaltar que esse fato se caracteriza como um elemento novo para nossa investigação, o que ainda não debateremos aqui, mas pretendemos analisar devidamente no tecer da tese. Mencionada formação, caracterizando-se como uma tentativa de letramento, foi ministrada por nós semanalmente às quintas-feiras à noite, na sede do Sindicato.

76

É produtivo ressaltar, contudo, que a formação almejada por esses trabalhadores não se distancia da práxis, ou seja, eles não pretendem estudar a teoria pelo simples fato de obter conhecimento teórico. Pelo contrário, há um movimento em busca de esclarecimentos suscitados pela prática e que serão utilizados nela, no cotidiano; saberes que tornarão claro para o trabalhador, por exemplo, como acontece a extração da mais-valia, quais os objetivos da relação de produção capitalista, como se deram as conquistas trabalhistas ao longo da hegemonia do capital e qual o papel de transformação da classe trabalhadora diante de tudo isso:

Iniciamos atualmente um estudo básico sobre a legislação trabalhista, conhecer a CLT e outro sobre a história do movimento operário. Pra quê? Para que a gente possa ter o conhecimento da legislação e ver através da luta operária que ela não veio de graça, não caiu do céu. Vieram das lutas dos trabalhadores, através dos tempos. Depois vamos passar para a história do movimento operário no Brasil, observando as lutas, até chegarmos à questão da consciência de classe. (Fala de um dos trabalhadores em formação, julho/2006).

Os estudos buscam também fortalecer a consciência da necessidade de luta, seguindo o caminho da conscientização histórica e política dos trabalhadores. Principalmente em face do momento atual,

[...] hoje a gente está vivendo um momento em que a luta de classes, em função do próprio desemprego, ela não está se dando assim tão arraigada, tão forte no dia-a-dia como em outros tempos. Estamos vivendo um desemprego muito forte, uma cultura do individualismo na sociedade. Então nesse tempo, o próprio Marx diz, a melhor coisa que você pode fazer é formar a classe trabalhadora para os embates que virão. (Fala de um dirigente sindical, também integrante do processo de formação, julho/2006).

As atividades desenvolvidas pelos trabalhadores propiciam, além da formação política, um importante acesso à cultura geral, fato que permite a formação do que Gramsci (1989) intitula de uma *competência intelectual coletiva*; ou seja, nos debates e inúmeros estudos feitos, os trabalhadores envolvidos em um movimento de aprendizagem coletiva enriquecem com a partilha, entre si, de saberes, experiências e, sobretudo, no engajamento na luta por interesses da própria classe.

Tem-se a gradativa aquisição de novos conhecimentos e a indiscutível formação política que contribui bastante com a elaboração da consciência de classe e com o fomento da necessidade de luta por melhores condições para a classe trabalhadora. Isso porque, a partir das leituras feitas ao longo dos encontros, uma sucessão de esclarecimentos desencadearam-se, partindo-se do princípio de que as conquistas trabalhistas, até então alcançadas, foram fruto de muita luta e, principalmente, originaram-se historicamente da organização dos trabalhadores.

Há uma idéia de educação que contrasta fortemente com aquela em voga nos espaços escolares. Nesses, o processo de formação é tratado de forma que a prática social e as relações sociais sejam abstraídas como se relação alguma tivessem com a escola. Ao contrário disso, a concepção que dirige a prática do grupo de trabalhadores em foco cinge-se à tese de que a educação é parte fundamental do conjunto das relações sociais, portanto, determinada por essas relações mais amplas, bem como constitui instrumento de manutenção ou de mudança da realidade social. Apresenta-se um potente papel desempenhado por esse

sindicato, experiência um pouco deslocada do sindicalismo atual, mas que nos toca no que Marx e Engels (1968) consideravam preponderante às associações trabalhistas: o ato politizador.

Refletimos, então, sobre a necessidade de retomada da luta pela superação do estranhamento que, até nossos dias, acomete as classes não hegemônicas. O processo de conscientização torna-se tarefa árdua em tempos de individualização e perda de conquistas. Sabe-se, todavia, que as classes menos favorecidas, gradativamente, erguem suas “vitórias”, embora vivenciem, de quando em quando, alguns “retrocessos”. É nesse movimento contraditório que emerge a necessidade de (re)ocupação dos sindicatos e de outras organizações sociais que, mesmo sem romper com as relações de produção capitalistas, buscam defender interesses contra-hegemônicos, amenizando os abismos sociais agudizados, neste caso, pela reestruturação produtiva contemporânea.

Se a primeira e a segunda Revolução Industrial massificaram os trabalhadores, jogando-os aos milhares dentro das fábricas e, em contradição com o capital, davam-lhes as mínimas condições, de forma coletiva, para defenderem suas consignas como assalariados; a terceira (microeletrônica, robótica, informática, telecomunicações, novos materiais, novas formas de energia, de comunicação) foi utilizada para a desagregação, individualizando-os, por meio de nova estratégia do capital: flexibilização produtiva. Como podemos observar a partir da fala de um dos trabalhadores. (março, 2007):

[...] outra questão é o sindicalismo aí, que para muita gente é utopia, já é coisa do passado, muita gente está dizendo por aí que discutir sindicalismo hoje é coisa do passado, é coisa do século XX [...], e a gente não acredita que seja, porque para nós isso é coisa dos patrões dizer que sindicato não presta, é coisa de enganar o trabalhador, que é enrolação que não tem mais futuro, que hoje é parceria, já pensou parceria entre capital e trabalho? É mesmo que lobo com as galinhas não é? Ou então raposa com galinha, aí não dá para ter parceria é um comendo o outro, então essa briga, a luta de classes não vai acabar nunca, enquanto houver capitalismo vai ter luta e a gente aqui vai está estribuchando de qualquer jeito, não adianta ficar parado.

A partir dos trabalhadores, abre-se o debate sobre o combate ao sindicalismo e a qualquer organização de trabalhadores que se articule como resistência ou confronto à lógica do capital. Isso porque há um movimento diante do paradigma contemporâneo, em busca da cooperação/convencimento dos trabalhadores, tornando-os mais individualizados/estranhados e, por conseguinte, fragmentando-os como classe, o que tem como forte aliado o desemprego estrutural. Contudo, ao dispor dessa ferramenta, o capital contraditoriamente ameaça seus fundamentos: o assalariamento e a extração da mais-valia.

Diante dessa lógica de reorganização produtiva, muitos dos profissionais gráficos, que passaram pelo processo de automação, foram banidos do mercado de trabalho. Alguns conseguiram aposentar-se. Outros, mesmo experientes, porém julgados pelo sistema como “residual”, vivem na informalidade e estão (des)sindicalizados. Tem-se o resultado claro da revolução tecnológica a serviço do capital, desenhando um novo perfil para o setor gráfico que enfrenta o desemprego e a individualização. Subordinados, assim, às mesmas normas, muitos dos que permaneceram empregados estão submetidos à polivalência, a jornadas de trabalho abusivas e salários reduzidos, numa forma notória de precarização do trabalho. Dessas experiências surge a necessidade de (re) organização da categoria em ciclos de debates e estudos que desencadeiem uma práxis subversiva a essa ordem.

A exemplo da experiência dos gráficos, podemos compreender o quão pode ser fértil o solo do associativismo e o quanto os movimentos coletivos podem constituir resistência à segregação e à pauperização social. Contudo, reafirmando as lutas de classes, representantes da opressão articulam-se para o confronto desigual dessas forças antagônicas, ou seja, esforçam-se no sentido de individualizar, descaracterizar e tornarem estranhadas as ações dos oprimidos. Um novo/velho império de (in)verdades se instala, na afirmativa de que é ultrapassada a idéia de retomar esse debate, como se o antagonismo econômico e a miséria não incomodassem mais, na tentativa de desviar o ponto central das mazelas sociais: a exploração do homem pelo homem.

Os sindicatos/associações agregam maior poder aos protestos da classe trabalhadora, ao assumir um caráter coletivo, os movimentos so-

ciais ganham solidez. A partir dessa práxis de luta, a consciência reivindicatória vai constituindo-se e uma subjetividade subversiva se instala a partir de uma pedagogia revolucionária que intenciona a superação da subsunção do trabalhador ao capital. Assim sendo, podemos ressaltar a relevância de tais organizações, mesmo sabendo-se que estas, em grande parte, limitam-se a reivindicações preponderantemente econômicas (salariais), não conseguindo combater as raízes das relações capitalistas, conforme afirmam Marx e Engels:

A história destas associações é um longo desenrolar de derrotas operárias, interrompidas por algumas vitórias isoladas. É evidente que todos estes esforços não podem modificar a lei econômica que regula os salários em função da oferta e da procura no mercado de trabalho. Dito por outras palavras: estas associações são impotentes contra todas as grandes causas que determinam a relação entre esta oferta e esta procura. (MARX E ENGELS, 1968, p. 07).

80

---

Ou seja, os sindicatos/associações, para Marx (1968), na condição de organizações trabalhistas que fazem frente aos interesses capitalistas, são importantes como um ponto de partida para possíveis transformações sociais, no entanto, não podem limitar-se a uma simples adaptação do proletariado ao sistema, devendo, posteriormente, assumir um caráter revolucionário. Nessa perspectiva, as lutas trabalhistas não devem restringir-se à legitimação de alguns poucos direitos dentro do capitalismo. Marx e Engels (1968) propõem algo bem mais radical, o fim da relação de exploração do homem pelo homem, ou seja, o fim do domínio capitalista.

Isso porque, entre outros elementos, argumentam que nem sempre as lutas sindicais/associativistas obtêm resultados, pois apresentam-se eminentemente limitadas às articulações das forças produtivas. Quando, por exemplo,

[...] surge a crise dos negócios, a própria associação se vê obrigada ou a reduzir salários ou a dissolver-se completamente. Assim como, quando a procura de operários aumenta fortemente, ela não pode fazer subir os salários a um nível superior ao que determina, de qualquer modo, a concorrência entre capitalistas. (MARX E ENGELS, 1968, p. 07).

Nos momentos de crise do capitalismo, não adiantam grandes reivindicações, o desemprego em massa torna-se inevitável, abalando profundamente o poder de negociação dos trabalhadores. Entretanto, os

sindicatos/associações, enquanto frentes de luta, tornam-se responsáveis por inegável processo de conscientização política, vital ao fortalecimento dos movimentos/conquistas sociais, como se tem procurado experienciar, em nossas hipóteses, no SINTGRACE ao passo que a práxis do grupo propicia um momento ímpar de debate político, luta consciente e leitura de mundo emancipada.

Mesmo reconhecendo que “as associações são impotentes para fazerem frente às causas principais que modificam o mercado de trabalho” (MARX e ENGELS, 1968, p. 08), é relevante enfatizarmos a necessidade de manifestação do trabalhador, para que se organize, mostrando-se consciente da necessidade de luta/protesto, não se deixando convencer de que a ele cabe apenas a pior parte do produto. Assinalam Marx e Engels (1968), “[...] os sindicatos e as greves que eles empreendem têm uma importância fundamental, pois que são a primeira tentativa feita pelos operários para suprimir a concorrência.” (p.09).

A concorrência entre os trabalhadores gera significativos lucros fortalecendo a diminuição dos salários, é por isso que o exército industrial de reserva<sup>4</sup> é sempre tão saudável para as relações capitalistas de produção. No momento em que os trabalhadores decidem unir-se para impor certos limites à ofensiva capitalista, tem-se um salto qualitativo na construção de sua consciência de classe, que se consolida quando de sua participação ativa nas lutas. Alerta Marx (2004) sobre o trabalho estranhado:

[...] na condição crescente da sociedade, a decadência e o empobrecimento do trabalhador é o produto do seu próprio trabalho e da riqueza produzida por ele. Conseqüentemente, a miséria surge de forma espontânea da essência do trabalho presente. (p.71).

O salário só depende da relação entre oferta e procura e da situação fortuita do mercado de trabalho, porque os operários se deixaram tratar até agora como coisas que se vendem e compram. Decidam eles não se deixarem comprar e vender, imponham-se na determinação do valor propriamente do trabalho, como seres humanos, que para além da força de trabalho têm também uma vontade [...] (MARX E ENGELS, 1968, p. 10).

O movimento trabalhista assume caráter educativo e constitui espaço propício ao aprendizado/luta coletivo (a), causando bastante incômodo aos detentores das riquezas. Tal como observamos no SINT-

GRACE, instituição fortemente atacada pelas ações patronais, de acordo com relatos, muitos gráficos sofrem ameaças de perder o emprego em decorrência da sindicalização e os dirigentes sindicais ao cabo de sua gestão não conseguem mais inserir-se no mercado de trabalho.

Por meio de seus atos de resistência à ordem estabelecida proclamam parte de sua recusa ao sistema. As leis e o poder do Estado capitalista, todavia, apresentam-se para conter possíveis rebeliões populares que venham a comprometer interesses hegemônicos, uma vez que as bases legais de uma nação legitimam os sistemas ideológico, político e econômico que a sustentam. Dessa forma, proclama-se a intangibilidade da ordem estabelecida em função dos detentores do poder econômico.

A lei é naturalmente sagrada para o burguês, pois é obra dele próprio, promulgada com o seu acordo, tendo em vista a proteção de lucros. Ele as sabe que, mesmo que esta ou aquela lei lhe possam causar um prejuízo particular, o conjunto do sistema de leis protege, todavia, os seus interesses. (MARX E ENGELS, 1968, p. 14).

82

Os sindicatos combativos, na categoria de associações criadas pelos trabalhadores, ajuízam ações em benefício de conquistas que garantam o mínimo de seguridade a seus associados. Sua atuação, portanto, baseia-se no confronto permanente de segmentos sociais antagônicos, podendo caracterizar-se como partícipes da luta de classes. A luta por melhores condições de vida que oportunizem o mínimo de dignidade é de inegável importância. Condição singular que recai sobre as vivências observadas no SINTGRACE, quando manifestam ações objetivas de tentativa de organização, politização e intelectualização da categoria.

Podemos, por fim, compreender o Sindicato dos Gráficos no Ceará como um espaço que resistiu ao tempo e preserva uma ética e uma subjetividade peculiar aos movimentos revolucionários? Ainda é possível pensarmos em um modelo alternativo de movimento social que busque efetivamente a transformação e vislumbre uma *educação para além do capital*? Ou precisamos nos curvar à falácia de que deve existir uma convivência humanizada e pacífica com a miséria econômica e social? Concordaremos com o fato de que milhares de pessoas jogadas ao desemprego e à fome precisam ser desconsideradas por que é muito “cristã” a idéia de quereremos mudar/contestar tal situação?

## Referências Bibliográficas

ALVES, Giovanni. Nova ofensiva do capital, crise do sindicalismo e as perspectivas do trabalho: o Brasil nos anos noventa. In: TEIXEIRA, Francisco J. S., OLIVEIRA, Manfredo Araújo. (Orgs.). *Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do capital*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1998.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez, 2003.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. Editora Civilização brasileira, 1989.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola: São Paulo, 1992.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre o sindicalismo*. Seleção de Textos de C. Bastien; Tradução do Francês de João Manuel. Pontos de Vista. São Paulo, 1968.

\_\_\_\_\_. *A Ideologia Alemã*. Karl Marx e Friedrich Engels. Introdução de Jacob Gorender. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri, São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Capital*. Crítica da economia política. Livro Primeiro – O Processo de Produção do Capital – Volume I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 4. ed. 1890, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. [s.d]



## Notas

- <sup>1</sup> Coordenação Nacional de Lutas, central sindical que nasceu após a cooptação da Central Única dos Trabalhadores – CUT pelo Governo petista, em maio de 2006, no Congresso de Formação de Trabalhadores CONAT.
- <sup>2</sup> Denominamos autoformação, por tratar-se de um movimento formativo não vinculado a qualquer instituição formal de educação e por ter sido constituído a partir da iniciativa dos próprios trabalhadores, que, por motivos ainda não completamente esclarecidos, procuram apropriar-se de uma gama de novos conhecimentos.
- <sup>3</sup> Foi mantido o anonimato com relação à identidade do grupo de vanguarda envolvido no processo de formação a pedido dos mesmos.
- <sup>4</sup> De acordo com Marx (1890), é uma grande massa de trabalhadores sem emprego que concorre com aqueles, até então, empregados, facilitando a manutenção de baixos salários.